www.jn.pt
DOMINGO
25 DE OUTUBRO DE 2009
Nº 146 ano 122
€1,40
DIRECTOR JOSÉ LEITE PEREIRA
DIRECTOR-ADJUNTO ALFREDO LEITE
SUBDIRECTOR PAULO FERREIRA
EDIÇÃO NORTE
FECHADA ÀS 23:15H

Jornal de Notícias

NOTICIÁRIO ACTUALIZADO
www.jn.pt/cultura

Mais lida
Loucura pelos U2 volta a provocar longas filas
www.jn.pt/cultura

Serviços
Cartaz de espetáculos
www.jn.pt/servicos

CULTURA

Entrevista

DIREITOS RESERVADOS

Jacinta canta Beatles, Beach Boys, Bee Gees, Bob Marley, James Brown, entre outros, no seu novo disco

"Agora foco-me mais no público"

Jacinta regressa em disco com "Songs of freedom", que reúne canções pop dos anos 60, 70 e 80 em versões jazzísticas. Novo trabalho chega amanhã às lojas

A voz de Jacinta está de regresso em disco com "Songs of freedom", em que faz versões jazzísticas de êxitos da pop dos anos 60, 70 e 80. Neste novo projecto, oferece-nos canções dos Beatles, dos Beach Boys, dos Bee Gees, de Bob Marley ou de James Brown, entre outros, com roupagens nunca antes ouvidas.O trabalho da cantora, que ficou conhecida do grande público quando, numa edição do concurso televisivo "Chuva de Estrelas" imitou a inimitável Ella Fitzgerald, chega amanhã às lojas.

Desde que chegou ao panorama do jazz nacional, em 2001, o que é que mudou na sua carreira?

Muita coisa. Na minha vida acho que o que mudou mais foi o facto de estar com produção própria desde há três anos. Isto alterou radicalmente a perspectiva que tinha em relação ao mundo da música, à própria música e ao negócio da música, ou seja, como fazer uma carreira. Isso mudou como vejo a música que faço, como a faço e onde é que quero levá-la e quem é que quero que pague bilhete para me ir ver. Ao tomar nas mãos a minha carreira, baixei à terra. Deixei de ser a artista abstracta que gosta de fazer música porque lhe dá gozo a si própria, para me focar mais no público. Isso alterou a minha abordagem à música, bem como o meu repertório.

> "Fazer versões de temas pop surgiu de uma ideia louca da minha manager, Joana Pereira"

Como é que nasceu este projecto, "Songs of freedom"?

Nasceu de uma ideia louca da minha manager, Joana Pereira, que me apresentou duas canções que praticamente desconhecia, "Redemption song", pelo Bob Marley, e "I wish I knew how it would feel to be free", pela Nina Simone. Disse-me que eram dois belíssimos temas e que tinha de os integrar de qualquer forma nalgum projecto. Como não sabia o que lhes fazer, a Joana sugeriu-me, então, que partisse destas canções e fosse buscar outras, da mesma época, e que fizesse um reportório dos anos 60, 70 e 80.

Qual foi a adaptação, ou adaptações, que se apresentaram mais problemáticas?

Talvez o "I got you (I feel good)", de James Brown. Porque à partida decidimos fazer todas as canções sem bateria e algumas delas tiveram de ser postas logo de lado porque não aguentavam a ausência da bateria. O "I got you", apesar de ser uma canção muito forte, porque basicamente é um blues, vive imenso da pancada da bateria. Tivemos de lhe dar uma reviravolta muito forte para conseguirmos interpretá-la.

A bre e fecha o disco com "Redemption song", de Bob Marley, sendo que a última versão é ao vivo. Porque é que que resolveu incluir as duas versões?

É curioso que a primeira versão que está no disco foi feita uma só vez em estúdio, só para experimentar. Gravámos esse take e acabou por ser escolhido como single do álbum. De início a canção era só eu ao piano a cantar, sozinha.Como gostamos também da interacção com o público no S. Luiz, resolvemos incluir as duas.

Porque é que optou ser acompanhada somente por piano e saxofone?

Começamos por tirar a bateria porque era o elemento mais marcante destas canções. Depois queria também dar um cunho de originalidade às interpretações. O piano tinha de lá estar, porque é o meu instrumento de eleição e era importante ter um versátil, daí o saxofone mas com processador de efeitos, para dar cores. Aquilo que íamos perder com a ausência da bateria, da guitarra eléctrica e do baixo obrigou-nos a procurar um instrumento que colorisse os espaços que iam ficar entre mim e o piano.E depois foi uma forma de recriar as canções.

> "Começamos por tirar a bateria, porque era o elemento mais marcante das canções"

Sem o apoio dos outros instrumentos não temeu que a sua voz ficasse demasiado exposta?

Sim, claro. Mas também gosto disso. É muito mais difícil cantar assim. E se a pessoa está um bocadinho em baixo, ou com a voz a falhar, fica muito mais exposta. Mas, por outro lado, a nível criativo e artístico dá uma liberdade imensa, porque os três têm um papel fulcral em cada uma das canções. Ninguém está em segundo plano.

Este projecto, que foi apresentado no início do ano, no jardim de Inverno do Teatro S. Luiz, em Lisboa, não está mais vocacionado para espaços intimistas ?

Acho que também dá perfeitamente para festivais ao ar livre. Tudo tem a ver com o tipo de som que se faz.Por isso faço questão de levar sempre o meu técnico de som, o João Paulo Nogueira, que é das pessoas que melhor sabe amplificar um piano em Portugal. ■

RUI BRANCO
rbranco@jn.pt